



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da sede própria do Sindicato dos Trabalhadores em Processamento de Dados e Empregados de Empresas de Processamento de Dados do estado de São Paulo (Sindpd/SP)

São Paulo - SP, 22 de janeiro de 2010

Despublicado em: 01/07/2010

Republicado em: 04/11/2010

Eu quero cumprimentar a minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil, o ministro Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais;

Quero cumprimentar o companheiro Antonio Neto, presidente do sindicato, por meio de quem cumprimento todos os trabalhadores em processamento de dados e tecnologia da informação;

Quero cumprimentar a esposa do companheiro Neto;

Quero cumprimentar os companheiros dirigentes sindicais aqui, o Paulinho, da Força, o Patá, o companheiro Medeiros, representando o Lupi;

Quero cumprimentar companheiros que eu reencontro depois de tanto tempo;

Cumprimentar a imprensa.

E dizer para você, Neto, em primeiro lugar, a minha vinda aqui hoje é de agradecimento ao companheirismo que você e seus companheiros têm dedicado na relação comigo antes de eu ser Presidente e depois de eu ter sido Presidente.

Eu, certamente, companheiros, carregarei como legado quando deixar a Presidência da República, uma marca que eu não acredito que exista, na face da Terra, nenhum presidente que tenha estabelecido a relação com o movimento sindical que eu tenho estabelecido mesmo depois de Presidente da República. Não acredito...



Eu conheço países muito importantes, com dirigentes muito importantes em que, para que os dirigentes sindicais sejam atendidos pelo Presidente, eu tenho que telefonar para o Presidente atender. Eu conheço países importantes em que eu já recebi muito mais os dirigentes sindicais deles do que o Presidente do país. Porque não há uma lógica de se receber dirigentes sindicais quando se governa o país, não há uma lógica, até porque na maioria dos países a governança é muito distante do mundo dos trabalhadores.

Eu participo do G-20 e daquela reunião, poucos os Presidentes... eu recebi duas vezes as centrais sindicais do mundo inteiro que só tinham referência a mim para entregar um documento. Na última reunião é que eu disse para eles que eles precisariam entregar para todos. Independentemente de eles terem relação ou não, que deveriam entregar o documento para todos os presidentes, porque eles ganhariam mais força. Fomos nós que conseguimos que a OIT participasse do G-20, porque o mundo do trabalho não estava representado.

Mas não é apenas isso. Eu sempre sonhei que uma coisa importante que deveria acontecer no Brasil, depois que eu fosse Presidente da República, era a gente estabelecer uma nova relação entre o Estado e a sociedade e entre o Governo e o povo. É por isso que eu vou terminar o meu mandato participando, todo dia 23 de dezembro, de um ato embaixo de uma ponte, ou na sede do Sindicato dos Bancários, em qualquer lugar, com os catadores de papéis aqui de São Paulo e do Brasil inteiro. E eles ainda são catadores porque querem continuar como catadores de papéis, porque ficaria mais barato pagar alguma coisa para eles deixarem de ser. Mas, uma coisa que me orgulha, é dar a eles a cidadania que eles têm, e que muita gente, as pessoas, não querem reconhecer que um simples catador de papel, às vezes, está reparando o desleixo de alguém que pensa que é mais importante que um catador de papel, que joga lixo em qualquer lugar na rua desta cidade, ou deste país. Só para vocês terem ideia, só o BNDES emprestou R\$ 220 milhões às cooperativas dos



catadores de papéis. Quando é que se imaginou neste país um banco como o BNDES, em que as pessoas, pequenos empresários, nem conseguiam entrar lá dentro, muito menos trabalhadores, emprestar dinheiro para catador de papel?

Hoje, Neto, hoje, as fábricas que produzem tratores no Brasil têm 80% das suas vendas subordinadas ao programa Mais Alimentos, que o governo disponibilizou R\$ 25 bilhões para agricultura familiar, para que eles conseguissem se modernizar, e já vendemos 21 mil tratores, em menos de um ano e oito meses. Em uma demonstração de que, o que o povo precisava na verdade, era a oportunidade de ter uma chance.

Eu, quando tenho andado pelo mundo e feito debate nos mais diferentes países, às vezes com a ministra Dilma, com o ministro Guido, com o Meireles, eu sempre faço uma discussão sobre a política de crédito, que muitas vezes não aparece nas discussões acadêmicas dos economistas, ou muitas vezes não é levado com muita importância pelos setores econômicos dos principais jornais deste país, porque não era uma coisa previsível. E não é que as pessoas tenham má vontade; é que aquilo não estava na lógica da aula de Economia.

Neto, você sabe quanto de dinheiro tem circulando neste país por conta do crédito consignado? R\$ 105 bilhões estão circulando na mão deste povo pobre, nos últimos anos. Uma coisa que as pessoas não percebem é que cada vez que a gente dá um aumento para o salário mínimo, nós colocamos [R\$] 20 bilhões a mais na economia brasileira.

E aí quando saem as pesquisas, que mostram que as classes D e E estão consumindo mais do que as classes A e B, é porque há muito tempo a classe pobre não tinha o direito de ter acesso a um financiamento. Aposentado não tinha direito a financiamento neste país, e hoje ele pode ir a um banco e tomar um financiamento descontado em folha; não pode comprometer mais que 30%.



Uma coisa que eu falo com muito orgulho – e certamente quem não morou com um candeeiro não tem a obrigação de saber – é o programa Luz para Todos. Neto, nós já investimos – antigamente se falava gastamos –, nós já investimos R\$ 14 bilhões, levando energia elétrica a 2 milhões e 300 mil lares deste país, atendendo mais de 11 milhões de pessoas.

Às vezes, a pessoa que não é bem informada diz assim: “É, mas esse Lula fica só cuidando dos pobres, e daí? E nós, como é que ficamos?” Acontece que na pesquisa que nós fizemos, 87% das pessoas que recebem luz em casa compram um televisor; 84% compram uma geladeira; 47% compram um aparelho de som, fora aqueles que fazem uma casa de farinha, fora aqueles que fazem um moinho, lá, para fazer o milho, fazer... fora aqueles que compram liquidificador. Ou seja, R\$ 14 bilhões, poucos governos neste país teriam coragem de assumir o Programa, que algumas ligações custam mais de R\$ 7 mil reais, e nós fazemos de graça, porque entendemos que o cara pode morar na Avenida Angélica, mas ele pode morar nos cafundós do Amazonas, ele tem direito de ter o mesmo bem material que tem as pessoas de melhor posse. Só para vocês terem noção: tem ligação na Amazônia que chegou a custar quase R\$ 50 mil. Você sabe que nós, por conta desse programa, Neto, nós já compramos 5 milhões de quilômetros de cabo. Isso daria para enrolar o planeta Terra umas 30 vezes. Nós já colocamos 1 milhão de postes neste país, e já colocamos mais de 800 mil transformadores, porque neste país, Neto, tinha gente que morava perto das hidrelétricas, os fios de alta tensão passavam por cima da casa deles e eles viviam à base do candeeiro.

Eu tenho a convicção de que... esses dias, o ministro Lobão fez uma exposição para mim e para a Dilma, porque quando a gente começou o Programa quando a Dilma era ministra, a gente queria atender 10 milhões de pessoas. Quando a gente entrou em campo para trabalhar, a gente descobriu que os números do IBGE estavam errados. Tinha mais de 1 milhão de pessoas a mais, sem energia elétrica. E nós, então, incluímos. E este ano, eu não sei se



a gente vai conseguir fazer 100%, mas certamente faremos 95%, 97%, 94%, porque a decisão do governo é, neste ano, fazer o que for necessário fazer para que a gente possa levar energia na casa do povo pobre. Por conta disso, 500.000 trabalhadores rurais voltaram a morar na roça por conta da energia elétrica. É um êxodo diferente. Em vez de as pessoas saírem, as pessoas estão voltando para o campo, sobretudo quem tinha sua casinha, porque lá no campo ele vai ter o que ele queria ter na cidade: ele vai ter acesso a bens que ele não tinha antes.

Uma coisa curiosa, Neto, que as pessoas precisam saber: um poste de madeira, daqueles que a gente coloca no meio do mato e na roça, pesa praticamente 390 quilos. Precisa muita gente para levantar um poste daqueles. Um poste de cimento pesa uma tonelada. Precisa muita gente para levantar ou um caminhão preparado, que não dá para andar no meio do mato. E nós descobrimos uma empresa no Paraná que produz um poste de lã de vidro que pesa apenas 130 quilos. E agora, nós vamos levar para o Amazonas poste de lã de vidro, que três homens carregam ele no ombro com muita tranquilidade, e muito mais fácil.

Eu fui agora a Juiz de Fora inaugurar a primeira termelétrica brasileira a álcool. Vocês sabem que o Brasil é o país do mundo que tem a matriz energética mais limpa. Na área de energia elétrica, nós temos 85% dela limpa, que é a energia produzida pela hidrelétrica. Na área total de energia, envolvendo combustível, nós temos 47% de energia limpa contra uma média de 13% no mundo inteiro.

Pois bem, nós inauguramos a primeira termelétrica a álcool, com uma parceria da Petrobras e da General Electric, e ela só pôde ser feita por causa da credibilidade da Petrobras, e a turbina que vai funcionar essa termelétrica é uma turbina de um jumbão 747, que vocês já viram por aí, o avião do Obama. Ora, se uma turbina daquelas pode utilizar álcool para fazer funcionar uma termelétrica, certamente que ela pode ser utilizada para fazer aquele avião



levantar.

Eu estou mostrando isso, Neto, porque eu estou vindo agora de Campinas, onde nós fomos inaugurar um centro de tecnologia de etanol, bioetanol, que vai produzir etanol de segunda geração, do bagaço da cana. Ou seja, aquilo que sobra, que nós tratamos como bagaço, ali ainda tem muito etanol. E nós investimos quase R\$ 70 milhões para fazer um centro que vai começar a tirar, possivelmente daquilo que sobra, que joga fora, do bagaço que não vale nada, que a gente queima, e da folha, a gente pode aumentar a produção do álcool na mesma quantidade de terra, em 40%.

É uma revolução que está para acontecer neste país nos próximos anos, que eu só espero estar vivo para poder acompanhar essa revolução, porque o mundo não tem saída. Se é verdade que o aquecimento global é tudo o que falam – e nós acreditamos porque, cientificamente, está provado que tem problemas –, se é verdade, é verdade também que os países desenvolvidos não podem mais ficar com termelétrica à base de carvão, que emite muito gás de efeito estufa, ou à base do óleo diesel.

Então, significa que o Brasil pode ofertar para eles o etanol necessário. Mais importante, é que eles têm que cumprir o Protocolo de Quioto. E, para cumprir o Protocolo de Quioto, eles vão ter que mudar a matriz energética, ou vão ter que colocar, como aprovou a Europa, 10% de álcool na gasolina. E quem produz álcool? O Brasil. Mas eu não quero só para o Brasil. O Haiti pode produzir cana para produzir álcool de segunda geração, e vender para os Estados Unidos, que estão ali pertinho dele. Porque o Haiti não pode continuar sendo o país mais sofrido do mundo. Aquele país foi o primeiro país das Américas, foi a primeira nação negra a conseguir a sua liberdade em 1804, e, de lá para cá, a vida deles virou um inferno, porque foram ocupados pelos Estados Unidos, ocupados pela França, ocupados pela Inglaterra, depois teve... O primeiro escravo que assumiu o poder virou imperador. O bichinho já ganhou, já virou logo imperador, que é o desvio de muita gente. Depois,



tivemos lá o Papa Doc, que ficou 30 anos, pai e filho, e que matou tanta gente, agora essa desgraça que aconteceu lá, com esse terremoto.

Não é justo, então nós temos que pensar... Porque, quando eu penso na política de biocombustíveis, Neto, eu não penso só para o Brasil; eu penso na África. A nossa Embrapa está na África, pesquisando – já pesquisou 17 países. A savana africana é igualzinha ao cerrado brasileiro. Portanto, com um pouco de tratamento da terra, a gente pode ver os países africanos produzirem a mesma quantidade de grãos que produz o Brasil, produzirem a mesma quantidade de etanol que produz o Brasil. A nossa Embrapa está na Venezuela, a nossa Embrapa vai para a América Central, porque nós queremos que todos os países do mundo, sobretudo os que têm as mesmas características do Brasil, possam ter a mesma possibilidade de fazer a revolução agrícola que fez o Brasil.

E eu penso que é isso que pode dar uma mudança de comportamento do Estado brasileiro, que não é mais a mudança da subordinação aos Estados Unidos ou a mudança da subordinação à Europa, a quem quer que seja. Este país tem tamanho e riqueza suficientes para ser soberano, para tratar todo mundo com respeito, mas para ser respeitado.

Quando eu deixar o governo, Neto, eu vou querer, numa reunião de sindicalistas, mostrar o mapa do Brasil, do que era antes e do que é agora. E até falei para o Neto: seria importante, Paulinho, seria importante, Patá, que vocês fizessem uma delegação de trabalhadores. A gente poderia até arrumar condições para vocês irem visitar o que é o canal do São Francisco, o que é um canal de 672 quilômetros, que vai levar água para quatro estados da Federação e que vai acabar com o sofrimento de 12 milhões de brasileiros que moram no semi-árido nordestino. Eu não sei se vocês vão sofrer o impacto que eu sofri, mas é uma mega obra.

Da mesma forma que eu gostaria que vocês conhecessem. Porque, também, os dirigentes sindicais ficam muito paulistas. Vocês só brigam muito



internamente porque vocês vivem aqui dentro. Se vocês saírem para viajar o Brasil, Neto, vocês vão ver coisas extraordinárias, a Transnordestina. Agora, em março, em março, os dirigentes sindicais que quiserem ir, eu posso levar. Eu vou a Salgueiro, em Pernambuco, ver duas coisas: a maior fábrica de dormentes do mundo e a maior – como é que chama, ô Dilma? – usina de brita, que lá em Salgueiro, ela sozinha vai ser maior do que as 40 maiores que têm em São Paulo, para fazer brita, para poder fazer quase 1.900 Km de ferrovia, ligando o Porto de Pecém ao Porto de Suape, e a Eliseu Martins, no Piauí. Se vocês quiserem ir comigo, em junho, nós vamos ter mais de 7 mil trabalhadores trabalhando em vários blocos nessa ferrovia.

A ferrovia Norte-Sul, eu fui contra ela em [19]87, eu xinguei o Sarney porque eu era contra a ferrovia Norte-Sul. Todos os governos, depois do Sarney até eu chegar no governo, fizeram 215 Km. Nós vamos fazer 1.515 Km da ferrovia Norte-Sul e depois, no PAC II – que a gente vai lançar agora em março –, nós vamos fazer com que ela saia de Anápolis, lá no estado de Goiás, e ela chegue à Estrela d'Oeste, em São Paulo, para poder chegar até o Porto de Santos. Nós vamos fazer a ferrovia Leste-Oeste, ligando o Porto de Ilhéus, na Bahia, até o estado do Tocantins, para a gente ligar também a ferrovia Norte-Sul e, conseqüentemente, a gente fazer um processo de integração no Brasil.

No PAC II, nós vamos colocar uma coisa que até então não era muito discutida no Brasil que é a combinação, que a gente falava muito da língua para fora, mas que era difícil fazer porque você não conseguia a licença ambiental para fazer uma hidrovia neste país, era muito difícil. Mas, finalmente, nós vamos apresentar um programa para que a gente possa fazer a combinação de rodovia, ferrovia e hidrovia, para que a gente possa tirar toda a produção do Centro-Oeste brasileiro pelo rio Madeira, pelo rio Tapajós e não precisar vir ao Porto de Santos para depois passar por cima de onde nós tiramos a nossa produção agrícola.



Então, eu penso que a cara do Brasil vai mudar muito. E quem vier depois de mim – e eu, por questões legais, não posso dizer quem é; espero que vocês adivinhem, espero –, quem vier depois de mim já vai encontrar um programa pronto, com dinheiro no Orçamento, porque eu estou fazendo o PAC II porque eu preciso colocar dinheiro no Orçamento para 2011, para que as pessoas comecem a trabalhar. E também, no PAC, a gente já vai ter que colocar a Copa do Mundo de 2014. Eu só não posso colocar que o Brasil vai ganhar o título, mas nós temos que fazer um sistema de transporte, vai ajudar a fazer os (incompreensível) de transporte. Nós estamos financiando até R\$ 400 milhões, para cada governador resolver o problema da Copa do Mundo, além das questões do transporte, e de rodovia e ferrovia, da mobilidade urbana que nós vamos ter que ajudar a fazer.

E, além disso, tem mais as Olimpíadas de 2016, que a gente não pode deixar para começar a construir as coisas em 2013. Tem que começar ontem, ontem, para que a gente possa provar que o Brasil vai ter competência de fazer uma Olimpíada.

Mas o mais importante do PAC II, companheiros, é uma coisa que eu acho que é prioridade: nós precisamos trabalhar com muito carinho os problemas das regiões metropolitanas deste país. Não é possível que a cada mês de janeiro, a cada final de dezembro, a cada carnaval, a gente veja cidades inteiras ruírem por conta da água. Eu não sou daqueles que culpo com facilidade as pessoas, porque nós temos a culpa [mania] de dizer: “É culpa do prefeito, é culpa...”. A verdade é o seguinte: muitas vezes, existe culpa gerencial porque se sabe onde vai encher e, portanto, poderia... poder-se-ia – gostou do “poder-se-ia”, Neto? –, poder-se-ia resolver.

Mas a gente sabe que, também, é uma coisa que custa muito caro e que, portanto, eu não vou jogar pedra em nenhum prefeito, em nenhum governador. Eu acho que é uma coisa que nós temos que assumir compromissos conjuntos, porque não é um problema de ninguém; é um



problema nosso, é um problema nosso. E nós temos que tratar com esses fenômenos da natureza como fenômenos da natureza. Ora, se chove, em uma hora, aquilo que era para chover em 20 horas, alguma coisa vai acontecer, alguma coisa vai acontecer.

Então, nós queremos cuidar da periferia deste país, da urbanização de favelas, do saneamento básico, da questão da saúde e da questão da criança, que nós vamos focar a confecção de creches, para que as mães possam ter liberdade de trabalhar e ninguém precisar amarrar uma criança no pé da mesa. Da mesma forma que cada bairro importante... nós vamos medir a população. Nós estamos fazendo 500 UPAs, ou seja, Unidades de Pronto Atendimento, e, só para você saber, nós vamos levar 10 UPAs para o Haiti, para fazer atendimento médico no Haiti, com médicos brasileiros, para trabalharem lá. Cada UPA pode atender uma população de até 100 mil, de 100 a 200 mil, de 200 mil a 300 mil, 24 horas por dia, com dentista, com radiografia, com... um negócio extraordinário. Nós vamos fazer 500 este ano, mas a ideia, no PAC II, é a gente fazer, em cada bairro periférico, fazer um Pronto Atendimento para que o povo brasileiro não tenha que sofrer tanto atrás da saúde.

Uma última coisa, companheiros, que eu queria dizer para vocês: eu sou muito agradecido ao movimento sindical brasileiro, não só porque dele fiz parte muito tempo, não só porque sou considerado por vocês como companheiro sindicalista, mas porque eu penso que vocês, nos momentos mais difíceis que eu enfrentei na vida, quem estava do meu lado eram, exatamente, os sindicalistas deste país. Eram exatamente...

Porque, quando você dá um nome deste sindicato, deste auditório do sindicato ao Getúlio Vargas, eu acho que nós estamos recuperando um pouco a memória deste país, recuperando aquilo que um homem – que poderia ter defeitos, como todos nós temos defeitos –, mas a verdade é que nós devemos muitas das coisas boas que nós temos à coragem do Getúlio Vargas, à visão de Estado que tinha o Getúlio Vargas. Está certo que naquele tempo ele não



tinha Ministério Público, está certo que naquele tempo ele não tinha o Congresso com a força que tem hoje, depois da Constituição. Era ele que indicava governador, ele que indicava prefeito... Era um pouco mais fácil, não tinha que prestar contas a tanta gente como nós prestamos hoje. Hoje é muito mais difícil.

Eu digo sempre que se o Juscelino Kubitschek tivesse que fazer Brasília hoje, ele ainda não teria conseguido fazer a pista para ele pousar o aviãozinho dele para ele chegar lá. Porque, até ele explicar o impacto ambiental, acabaria o mandato dele de cinco anos.

Mas, também, eu falo isso brincando, porque essas coisas foram regulamentações que nós mesmos fizemos para evitar que houvesse abuso de autoridade. É importante que a gente tome cuidado porque hoje está ficando cada vez mais visível para todos nós que a questão de preservação ambiental é uma questão extremamente séria. Hoje a gente não faria Itaipu. Ou, se fizesse, a gente não cobriria Sete Quedas... Eu tive a oportunidade de conhecer Sete Quedas. Vocês, da imprensa, são muito jovens, não conheceram. Mas era uma coisa extraordinária! Aquilo jamais poderia ter sido coberto. Ela só foi coberta porque foi feita em um momento de regime autoritário, senão não faríamos. Como também não faríamos Balbina, que é uma grande hidrelétrica, e que é um monumento à insanidade. É um lago imenso para gerar apenas 300 megawatts, que não tem nenhuma explicação.

E nós estamos convencidos de que o Getúlio prestou esse serviço ao Brasil. Lamentavelmente, uma parte da elite brasileira, inclusive envolvendo uma parte da elite intelectual, inconformada porque não conseguiram ganhar o golpe de [19]32... porque ele fala que foi revolução. Aquilo (incompreensível) foi uma tentativa de golpe que tentaram dar ao Estado brasileiro.

Então, tem pessoas que não se conformam, e é muito triste que aqui em São Paulo a gente não encontra rua com o nome de Getúlio Vargas. Você encontra em muitos lugares. Aqui em São Paulo é raro, parece que é uma



coisa ruim, de um homem que foi presidente da República e que deixou um legado onde as pessoas mais pobres são agradecidas.

Eu tinha divergência com o Getúlio Vargas na questão da estrutura sindical, eu tinha divergência, mais eu sou capaz de ter divergência com um companheiro e não ver só defeito, ver as virtudes que as pessoas têm, porque todo mundo tem defeito e todo mundo tem virtude, e a gente não pode apenas ficar criticando as coisas ruins. Eu acho que o Getúlio foi um excepcional presidente deste país, um excepcional presidente deste país.

Pois bem, eu, companheiros, nós ainda temos um ano de governo pela frente, eu gostaria muito de partilhar com vocês as coisas que nós fazemos. Certamente eu vou fazer algumas reuniões ainda com os dirigentes sindicais, mas eu queria dizer a você, Neto, da alegria de estar aqui, por tudo o que vocês representam na relação comigo. Eu sou grato por isso e eu digo sempre o seguinte: eu não deixo um companheiro no meio da estrada. Se tem uma coisa que eu aprendi como legado da minha mãe é construir amizades, e eu prezo as minhas amizades. Eu estou dizendo isso, Neto, para dizer para você que você pode ter consciência – estou falando isso na frente de muita gente – é que eu o considero um grande companheiro, porque sempre teve um comportamento de um grande companheiro. Por isso, eu não poderia faltar à inauguração da sede.

Parabéns, Neto, parabéns à categoria e parabéns a todos vocês.

(\$211A)